

## RESENHA 1

# “NÃO PRESSUPOR NADA” – OU ALGUMAS NOTAS IMPRECISAS SOBRE *FAZER CÍRCULOS COM MÃOS DE AVE*, DE ANA ESTAREGUI

CLEBER DA SILVA LUZ

# **“NÃO PRESSUPOR NADA” – OU ALGUMAS NOTAS IMPRECISAS SOBRE *FAZER CÍRCULOS COM MÃOS DE AVE*, DE ANA ESTAREGUI**

Cleber da Silva Luz<sup>1</sup>

## **RESUMO:**

Ana Laura Estaregui é poeta, autora de quatro livros: *Chá de jasmim* (Patuá, 2014), *Coração de boi* (7Letras, 2018), *Dança para cavalos* (Círculo de poemas, 2022), publicado também em Portugal (Língua Morta, 2022), e *Fazer círculos com mãos de ave* (Editora 34, 2025). É graduada em Artes visuais pela Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP e mestre em Literatura e Crítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC-SP. Além disso, é professora e coordenadora do Grupo de escrita e estudos em poesia. Neste texto, apresenta-se uma breve resenha crítica, com comentários sobre alguns temas presentes em seu mais recente livro.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Poesia brasileira contemporânea. Ana Estaregui. *Fazer círculos com mãos de ave*.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Paraná – Unespar. Professor QPM da Rede Estadual de Educação do Paraná.

O que interessava agora  
era sobreviver,  
ser livro.

Ana Luísa Amaral

Conhecer a obra de uma poeta, quando se aguarda para ler um novo livro, pode abrir, de certo modo, “furos no futuro”. Explico: reconhece-se elementos da sua linguagem, linhagem ou filiação, temas de predileção, entre outras “pegadas”. Autora de 4 livros, sendo o mais recente *Fazer círculos com mãos de ave*, publicado pela Editora 34, Ana Estaregui já pode ser reconhecida como uma poeta que representa uma importante vertente de poetas contemporâneos/as que escrevem como um gesto de resistência. As relações entre humanos e animais, as questões ambientais, climáticas, de maneira não convencional, aparecem como formas de “reflorestar o pensamento”, como tratou Estaregui em entrevista<sup>2</sup>.

Neste novo livro, dividido em 9 seções (“O poema como um círculo que se abre no espaço”, “Um som que se refaz de trás pra frente”, “Traduzir uma neblina traduzir um barco”, “Às vezes o movimento é mesmo ínfimo”, “Uma estrofe que nunca existiu”, “O poema retira as palavras do mundo”, “O voo é indistinto para quem voa”, “Coisas contáveis coisas incontáveis”, “Todo voo é destino quando visto do alto”), esses temas e esse posicionamento se afirmam. Estão presentes, mas é importante, antes da leitura, que nada se pressuponha, pois, como *um círculo que se abre no espaço*, os poemas se abrem ao inapreensível, ao estranhamento do poético como forma de deixar que as coisas partam, mas não sem deixar marcas; sentir, antes, “os gestos que desaparecem no espaço”.

Há, no conjunto dos poemas, uma atmosfera que em muito remete à escrita e ao pensamento de Sophia de Mello Breyner Andresen, importante poeta portuguesa. Um episódio vem à mente: em 11 de julho de 1964, num almoço promovido pela Sociedade portuguesa de escritores, na ocasião da entrega do *Grande Prêmio de Poesia* à Sophia, por seu *Livro Sexto*, a poeta proferiu um discurso, posteriormente reunido e publicado no conjunto de Artes poéticas, em que diz:

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rhlm/article/view/32464/23586>. Acesso em: 4 dez. 2025.

A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria. Mais tarde a obra de outros artistas veio confirmar a objectividade do meu próprio olhar. Em Homero conheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas (Andresen, 2018, p. 897).

Como em Sophia, os poemas desse novo livro de Ana Estaregui parecem estreitar relações, “criar parentesco” com as coisas no mundo, mas, para além de apenas escrevê-las, percebê-las, portanto, no esplendor de sua presença. Em outras palavras: o poema retira as palavras das coisas do mundo; como no poema 18, “[estamos a fazer círculos com as mãos]”,

estamos a fazer círculos com as mãos  
aprendemos a escrever o tempo em gestos  
enquanto erguemos os braços e movemos escápulas  
notamos: *há uma harmonia secreta*  
*entre as conchas e a cordilheira*  
há um arco entre o vento e as garoupas  
a casa os astros as estalactites  
ao dançar produzimos formas de dizer  
parentescos com as árvores  
vínculos com os insetos  
[...] (Estaregui, 2025, p. 32).

Ou o poema 34 “[falar a flor escrita]”,

falar a flor escrita  
faz ver melhor a flor no jardim  
embora todas sejam muito concretas  
embora quase sempre muito voláteis  
escrever depura o que se vê

escrever a nuvem na página  
faz perceber melhor a nuvem no céu  
as suas mil consistências de vento  
o que demonstram sobre desaparecer  
com ou sua imagem – a suspensão  
os seus modos de vaporizar

escrever a forma das coisas  
escrever o sono  
escrever o pássaro  
não o voo  
não as penas  
não a altura ou a velocidade

há muitos modos de ver  
saber o seu coração de ave  
coincidir em sua linguística

grafar alguém que sabe planar  
alçar o fluxo para escrever contínuo  
cantar as palavras e marcar cada sílaba  
refazendo o mesmo gesto –  
cada palavra é aquilo que diz (Estaregui, 2025, p. 53).

Em outra de suas artes poéticas, há a visão de Sophia em relação ao exercício poético e ao ato perceptivo das coisas no mundo: [...] a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e as imagens (Andresen, 2018, p. 895).

Nesse encontro com as vozes, as imagens que se apresentam neste conjunto de poemas de Estaregui se adensam numa poética do devaneio, estando esse processo alinhado ao que trata Alfredo Bosi, quando compreende o devaneio como uma ponte, ou “janela aberta a toda ficção” (2000, p. 27).

Em outras palavras, a confluência entre poesia e realidade nos poemas de Estaregui não nos coloca diante de determinada descrição, ou de imagens dotadas de objetividade, mas partem dela para construir uma outra atmosfera, uma ainda não auscultada, a partir da qual há sempre um sopro demiúrgico, em que a poeta cria com mãos emprestas, em que algo nasce em um movimento duplo: pelo chão e pelo ar; e a imaginação é livre para poder pensar – e ensinar a pensar:

o coração assopra coisas indecifráveis  
dá ver aquilo que vê  
uma batida por uma batida  
um repouso por um repouso  
sem os olhos ensina a pensar  
com pensam os poemas  
como pensam os bichos  
na mudez não há o que desvendar  
saber o mistério é repetir o mistério  
a poesia escreve quando escreve (Estaregui, 2025, p. 20).

Deixar que as coisas se coloquem a nós, elas mesmas, como se a poesia se escrevesse e o poeta fosse o intermediário, ledor, escutador, com mãos de aves.

habitar a paisagem como um livro – com as mãos  
habitar a escrita como a dança – com mãos de ave (Estaregui, 2025, p. 24).

O habitar que se lê no poema também compartilha uma característica interessante da escrita com a dança: o movimento. O movimento como metáfora do

processo, do tempo circular, tanto da escrita como da leitura, constrói uma dimensão de gestualidade na obra, como é possível ler no poema acima, mas também em diversos outros. E em determinados momentos essa gestualidade do movimento como gesto de escrever também comparece via metapoesia.

A reflexão metapoética não assume caráter metalinguístico em dimensão conceitual apenas. O processo criativo é poeticamente pensado como lição, como aprendizagem, numa espécie de interlocução...

Sobre o escrever:

alguém que decida escrever a palavra pássaro  
terá antes de atravessar um túnel cheio de sons  
afastar os corpos cegos que se chocam no ar  
vê-los colidir em anteparos transparentes  
precisará certamente riscar  
alguns números da lista  
aqueles que gorjeiam em exílio  
os que são nítidos demais, inertes demais  
os que voam muito alto para depois despencar  
[...] (Estaregui, 2025, p. 61).

Sobre a forma do poema:

poemas são formas concisas de anotar  
uma rã que salta, uma pessoa que caminha  
um bambu que oscila  
às vezes o movimento é mesmo ínfimo  
um salgueiro que ainda é verde  
- a água continua a brilhar (Estaregui, 2025, p. 65).

Ou ainda, entre as coisas contáveis e incontáveis, entre rio e mar, entre o bicho e os bichos, entre metamorfoses, entre a consciência de que “sabemos tão pouco sobre o mundo” e de que “uma vida só não é o bastante para assistir às ruínas”, aprendemos:

os poemas não pertencem a ninguém  
eles apenas pairam entre as cabeças  
são mariposas voando atrás da claridade  
- até que alguém os ouça  
delicados, podem partir a qualquer instante  
à menor hesitação da luz (Estaregui, 2025, p. 99).

## REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Artes poéticas. In: \_\_\_\_\_. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2018, p. 891-904.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ESTAREGUI, Ana. **Fazer círculos com mãos de ave**. São Paulo: Editora 34, 2025.